UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOICIANE OLIVEIRA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DOS ALUNOS NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2024

JOICIANE OLIVEIRA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DOS ALUNOS NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ludmylla Mendes Lima.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S235i

Santos, Joiciane Oliveira dos.
A importância da literatura afro-brasileira na formação de identidade dos alunos no 2º ano do Ensino Médio / Joiciane Oliveira dos Santos. - 2024.
40 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ludmylla Mendes Lima.

1. Racismo. 2. Língua portuguesa (Ensino médio). 3. Negros - Identidade racial. 4. Literatura afro-brasileira. I. Colégio Estadual Ana Junqueira Ayres Tourinho - Estudo de casos. II. Título.

BA/UF/BSCM CDD 869.09

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos CRB: BA-001693/O

JOICIANE OLIVEIRA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE DOS ALUNOS NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: 21/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Drª. Ludmylla Mendes Lima (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof.ª M.ª Carine Gurunga de Matos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Prof.ª Dr.ª Mírian Sumica Carneiro Reis
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho aos meus pais, minha vó em memória e à minha irmã que, desde sempre, me incentivaram nos estudos e não mediram esforços para estarem ao meu lado, me motivando durante essa jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, minha gratidão a Deus, por toda fé que tenho, que alimentou meu foco, minha força e disciplina, que me sustentou até esse momento único da minha vida, me dando coragem, ânimo e sabedoria nos percursos mais difíceis que vivi. Hoje, sou grata por tudo e por mais um ciclo que se fecha. Obrigada, Deus, te agradeço imensamente por essa conquista!

Agradeço aos meus pais, João Bispo dos Santos e Marilucia da Silva Oliveira, pelo amor incondicional e por acompanharem toda a minha trajetória, sempre me motivando a nunca desistir dos meus sonhos e objetivos. À minha irmã, Janeide Oliveira dos Santos, por toda positividade e por acreditar sempre no meu potencial. À minha filha Eloise Araujo Oliveira, que mesmo gerada no meio da minha trajetória, me fazendo parar um pouco, me deu forças para não desistir e continuar minha jornada por mim e por ela.

Á minha avó materna, Luzinete, que ainda em vida pôde se alegrar com a minha tão sonhada faculdade. Ela que rezava todos os dias para que eu saísse e chegasse bem. Ela que me esperava chegar deitada no sofá e só ia dormir quando me visse chegar. Hoje, em memória, dedico especialmente esta conquista a ela.

À universidade, quero deixar uma palavra de gratidão, pois me proporcionaram dias de aprendizagem. À minha orientadora, Ludmylla, por acreditar e confiar no meu potencial, com muita paciência e sabedoria, me dando recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias. Meus amigos da universidade para a vida: Débora, Erica, Ellen, Daiane, Irlene e a todo o corpo docente da universidade e aos mestres do curso de Letras da UNILAB, pela excelência da qualidade e da técnica de cada um.

“Muita gente me ajudou chegar aqui. Foi aos trancos e barrancos que eu consegui. Minha família, meus amigos, minha fé. A vocês devo tudo”...

Xande de Pilares

RESUMO

Essa pesquisa busca analisar métodos que tragam para sala de aula a inclusão de representações negras que possam contribuir em diversos campos da educação despertando o interesse dos jovens pelos estudos, buscando também através da literatura afro-brasileira, um estímulo positivo de aprendizagem onde se tenham fortes contribuições em relação as representações no cotidiano das aulas de língua portuguesa e na vida social. Além de abordar temas sobre a beleza do negro e da sua história, fazendo com que os estudantes sejam apresentados a sua verdadeira história com as características positiva que despertem a autoestima que por muito tempo se manteve desvalorizado mediante ao racismo estrutural. O trabalho parte das experiências e vivências dos educandos em sala de aula, e sua compreensão de mundo. Para esse fim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica reunindo referencial teórico como os livros, (“Pequeno manual antirracista” da autora Djamila Ribeiro; “Como ser um educador antirracista” da Barbara Carine; “Literatura negro brasileira” de Cuti, “Personagens negras na literatura infantil: O que dizem crianças e professoras” da Débora Oyayomi Araujo, além de artigos e documentários que enriqueceu o presente estudos trazendo posicionamentos e debates que agregaram à pesquisa sobre “A importância da literatura afro-brasileira na formação de identidade dos alunos do 2° ano do ensino médio”. Sendo, também, uma pesquisa de coleta de dados, a qual foram realizados uma entrevista através de um questionário com discentes do 2° ano do ensino médio da escola CEAJAT (Colégio Estadual Ana Junqueira Tourino). A partir da análise de dados, pode-se perceber a importância de abordar as temáticas que tratem da relevância da literatura afro-brasileira e suas contribuições para a formação intelectual, social e da autoestima dos adolescentes. Por meio do estudo realizado foi possível observar o quanto questões raciais interferem na vida dos educandos e na posição em que eles se colocam na sociedade. Podendo também perceber que é preciso um olhar cuidadoso sobre o tema e sobre o estudante, buscando adaptar métodos que contribuam para que eles se coloquem em uma posição em que um futuro promissor esteja no horizonte.

Palavras-chave: racismo; língua portuguesa (ensino médio); negros - identidade racial; literatura afro-brasileira; Colégio Estadual Ana Junqueira Ayres Tourinho - Estudo de casos.

ABSTRACT

This research seeks to analyze methods that bring to the classroom the inclusion of black representations that can contribute to various fields of education, awakening young people's interest in studies, also seeking, through Afro-Brazilian literature, a positive stimulus for learning where there are strong contributions in relation to representations in everyday Portuguese language classes and in social life. In addition to addressing themes about the beauty of black people and their history, students are presented with their true history with positive characteristics that awaken self-esteem, which for a long time remained devalued due to structural racism. The work is based on the experiences of students in the classroom, and their understanding of the world. To this end, a bibliographical research was carried out bringing together theoretical references such as books (“Small anti-racist manual” by the author Djamila Ribeiro; “How to be an anti-racist educator” by Barbara Carine; “Brazilian black literature” by Cuti, “Black characters in children's literature: What children and teachers say” by Débora Oyayomi Araujo, in addition to articles and documentaries that enriched the present studies by bringing positions and debates that added to research on “The importance of Afro-Brazilian literature in the formation of identity of 2nd year high school students”. high school at CEAJAT school (Colégio Estadual Ana Junqueira Tourino). From the data analysis, one can see the importance of addressing themes that deal with the relevance of Afro-Brazilian literature and its contributions to the intellectual, social and self-esteem formation of adolescents. Through the study carried out, it was possible to observe how much racial issues interfere in the lives of students and the position in which they place themselves in society. You can also see that it is necessary to take a careful look at the topic and the student, seeking to adapt methods that help put them in a position where a promising future is on the horizon.

Keywords: racism; Portuguese language (high school); black people - racial identity; Afro-Brazilian literature; Ana Junqueira Ayres Tourinho State School - Case studies.

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	11
2	**CAPÍTULO I: CLASSIFICAÇÕES RACIAIS NO BRASIL**	14
2.1	A AUTODECLARAÇÃO RACIAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA	14
2.2	AS LEIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESTUDO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	16
2.3	A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES	18
3	**CAPITULO II: CONCEPÇOES DE IDENTIDADE**	23
3.1	VALORIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS AFRO-BRASILEIRA	25
3.2	FIRMAÇÃO DA AUTOESTIMA	28
4	**CAPITULO III: A PESQUISA REALIZADA**	29
4.1	METODOLOGIA	29
5	**CONSIDERAÇOES FINAIS**	34
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXO - Crônica "Negra, eu?", da escritora Vanessa Santos	39

1 INTRODUÇÃO

A importância da literatura afro-brasileira na formação de identidades de jovens não se restringe apenas a um estudo acadêmico, mas reflete uma percepção de mundo construída desde a minha adolescência, antes mesmo de considerar a carreira acadêmica. Ao compartilhar minha trajetória pessoal, pretendo evidenciar como a escolha desse tema está profundamente ligada à minha experiência de vida e à necessidade de discutir questões de representação e identidade para os jovens negros. O objetivo deste trabalho não é aprofundar-se na definição de literatura negra ou afro-brasileira, mas sim trazer reflexões sobre o impacto que a representação por meio de autores negros pode ter na formação de jovens, principalmente aqueles que, como eu, não viam nas leituras tradicionais uma conexão com suas próprias realidades.

Chamo-me Joiciane e minha trajetória escolar foi marcada por desafios impostos pela realidade de uma escola pública, onde o estudo muitas vezes se limitava ao básico, e a realidade social dos alunos interferia diretamente no processo educacional. Estudei no Colégio da Polícia Militar e, posteriormente, em uma escola pública noturna onde, apesar das dificuldades, encontrei um espaço de reflexão e aprendizado. Foi ali que conheci dois jovens negros, oriundos de contextos periféricos, cujas histórias me fizeram refletir sobre a importância de dar voz a essas realidades, de não apenas entender as dificuldades, mas também enxergar as possibilidades de transformação. As experiências vividas me levaram a perceber o quanto a escola e, mais especificamente, a literatura, podem desempenhar um papel fundamental na construção da identidade desses jovens, mostrando-lhes que há mais opções e caminhos do que os apresentados pela marginalização e violência. O que significa ser representado na literatura e como isso pode impactar a autoestima e as escolhas de vida dos jovens negros? Essas são questões que pretendo explorar ao longo deste trabalho, com a esperança de que, por meio da educação e da literatura, possamos oferecer mais oportunidades de transformação para as novas gerações.

Partindo dessa experiência, decidi cursar Licenciatura em Letras com o desejo de ser a mudança, de acolher, ensinar e acreditar. Com isso, é necessário pensar na educação como instrumento principal e os estudantes como protagonistas. Abordarei no decorrer da pesquisa alguns temas que mostra a atual realidade do

negro no pais referente a taxas de homicídio, além de trazer dados com índices de pessoas que se autodeclaram como negro, brancos e pardos, para um breve reflexão.

A representatividade em sala de aula é essencial para que crianças e jovens se vejam como capazes de atuar em qualquer espaço que desejem, para que possam acreditar em seu potencial e entender que a educação é uma chave poderosa para transformar suas realidades. Os livros, como ferramentas de empoderamento, são armas que permitem aos alunos se reconhecerem, se afirmarem e desafiarem as limitações impostas por uma sociedade desigual. A educação, por sua vez, é um direito inalienável, um poder que ninguém pode lhes tirar, e a literatura afro-brasileira desempenha um papel fundamental na construção de identidades e no fortalecimento da autoestima dos jovens, especialmente daqueles que são historicamente marginalizados.

Este trabalho será dividido em três capítulos, cada um abordando um aspecto central da temática proposta. O primeiro capítulo tratará das classificações raciais no Brasil, iniciando com uma análise de dados reais sobre como os brasileiros se autodeclaram racialmente. A partir dessas informações, discutiremos a quantidade de negros existentes no país e a distribuição de suas posições sociais e de prestígio, evidenciando as disparidades raciais ainda presentes em nossa sociedade. O objetivo é mostrar o impacto dessas desigualdades na formação de identidade e no acesso a oportunidades.

No segundo capítulo, o foco será o olhar do indivíduo sobre si mesmo, a percepção da identidade e da autoestima, especialmente no contexto da população negra. Analisaremos a valorização da cultura negra e a importância de fortalecer a autoestima dos jovens negros, destacando o papel da escola nesse processo. Para isso, exploraremos as concepções de identidade de Stuart Hall, que as divide em três categorias: sujeito iluminista, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. A partir dessas perspectivas, refletiremos sobre como os jovens negros se veem e como a educação pode influenciar essa visão, ajudando a construir uma identidade sólida e positiva.

O terceiro capítulo será dedicado à pesquisa empírica realizada com uma turma do 2º ano do ensino médio. Através de uma leitura compartilhada de textos de literatura afro-brasileira e de um questionário aplicado aos alunos, buscaremos entender os avanços e desafios no ensino dessa literatura nas escolas. A pesquisa permitirá avaliar como a literatura afro-brasileira está sendo abordada em sala de aula,

quais as percepções dos alunos sobre sua importância e o que pode ser melhorado para tornar o ensino mais inclusivo e representativo.

Com essa estrutura, esperamos oferecer uma análise crítica e construtiva sobre o impacto da literatura afro-brasileira na formação de identidades de jovens negros, além de propor soluções práticas para uma educação antirracista.

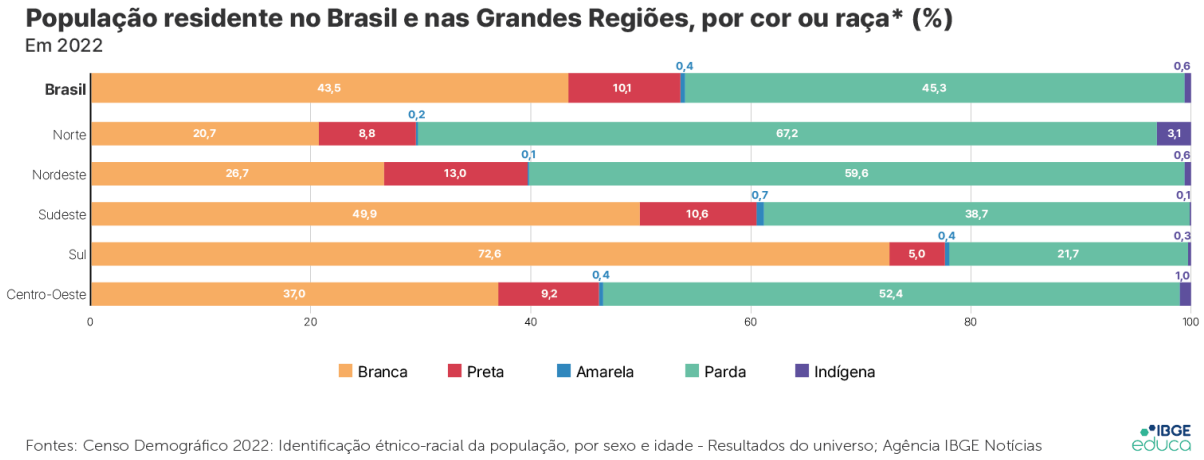
2 CAPÍTULO I: CLASSIFICAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

Ao abordarmos de maneira informal a classificação da população brasileira por cor e raça, muitas vezes nos deparamos com uma percepção geral de que a maioria das pessoas no Brasil é negra ou parda. Mesmo aqueles com tom de pele mais claro, frequentemente, exibem traços que remontam ao povo africano. Essa visão, aparentemente intuitiva, se alinha à realidade social que observamos no cotidiano, onde as características físicas de uma grande parte da população refletem a herança africana, fruto de um processo histórico de miscigenação.

No entanto, ao aprofundarmos a análise por meio de pesquisas e dados mais precisos, surgem novas perspectivas que revelam como o indivíduo se enxerga e como ele se posiciona dentro das classificações raciais. Esse olhar interno, que se baseia na autodeclaração e nas experiências de vida de cada pessoa, traz à tona uma série de questionamentos sobre identidade, pertencimento e as construções sociais que influenciam as escolhas e as percepções raciais no Brasil. A classificação racial no país é um fenômeno complexo, que não se resume apenas à cor da pele, mas também aos contextos sociais e históricos em que esses indivíduos estão inseridos.

2.1 A AUTODECLARAÇÃO RACIAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Como material reflexivo para este estudo, trago abaixo um gráfico que aprofundará esse questionamento, oferecendo dados concretos sobre como os brasileiros se autodeclaram racialmente. A partir dessa informação, será possível refletir sobre as contradições entre a percepção informal da sociedade e a realidade dos números, bem como compreender melhor os fatores que moldam a maneira como os indivíduos se identificam, além das implicações sociais e políticas dessa autodeclaração.



Fontes: Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade - Resultados do universo; Agência IBGE Notícias

No Gráfico 1, com o tema "População residente no Brasil e nas grandes regiões, por cor ou raça", podemos observar que a autodeclaração racial da população brasileira é bastante diversificada. No total, 43,5% da população se identifica como branca, 10,1% como preta, 0,4% como amarela, 45,3% como parda e 0,9% como indígena. O gráfico revela que a população branca tem uma forte presença nas regiões Sul e Sudeste, enquanto a população parda predomina nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Por outro lado, as populações preta, amarela e indígena não alcançam índices tão elevados, o que nos leva a refletir sobre a dinâmica racial no Brasil.

Apesar de vivermos em um país majoritariamente negro, os dados mostram uma tendência de omissão ou maquiação da origem racial de muitos brasileiros, que preferem se autodeclarar como pardos. Isso nos provoca uma reflexão: *qual é o problema em ser negro? Por que tantos se sentem ofendidos ao serem chamados de negros?* Essa questão, por mais que se discuta, é uma problemática complexa e enraizada, que certamente levará tempo para ser desconstruída na sociedade.

Esses questionamentos podem ser compreendidos a partir de alguns argumentos históricos e sociais. A população negra no Brasil foi vítima de racismo durante séculos, desde o período da escravidão, que teve início com o tráfico de escravizados africanos para o país. Esse sistema gerou profundas desigualdades e opressões, que perduram até hoje, deixando marcas indeléveis nas relações sociais e raciais. Os negros foram submetidos a uma exploração brutal nas plantações, minas e em diversos outros setores da economia, vivendo em condições desumanas, tanto no campo de trabalho quanto na sociedade em geral.

Atualmente, o Brasil ainda carrega as cicatrizes dessa história, e um dos maiores reflexos dessa opressão é o racismo estrutural, que se enraizou nas instituições sociais e políticas. Esse racismo cria barreiras que dificultam o acesso da população negra a oportunidades de trabalho, educação e justiça, perpetuando a desigualdade e a discriminação. A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que criminaliza práticas discriminatórias por motivo de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, é um marco legal importante, mas o racismo ainda é uma realidade cotidiana para muitos brasileiros. O tratamento desigual e as dificuldades enfrentadas pelos negros no acesso aos direitos básicos são apenas alguns exemplos das consequências dessa estrutura racista que persiste até hoje.

Portanto, as respostas a essas questões sobre identidade racial, representatividade e o processo de autodeclaração são profundamente influenciadas por esse contexto histórico de discriminação, opressão e exclusão social. A desconstrução desses estigmas exigirá, sem dúvida, uma mudança cultural e um esforço coletivo para que a população negra seja, de fato, respeitada e valorizada em todas as esferas da sociedade.

2.2 AS LEIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESTUDO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Com o avanço das lutas antirracistas, sancionou-se a Lei nº 10.639 tornando obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, além de colocar o Dia da Consciência Negra como data prevista no calendário escolar, “Representando a culminância dos esforços do Movimento Negro na efetivação de uma política educacional que considerasse a participação dos povos negros na formação histórica e cultural de nosso país” (Ministério da Educação, 2023). Sendo obrigatório explicar que os negros foram escravizados por um povo branco que invadiu e desrespeitou a sua vontade, obrigando-os a trabalhar contra sua vontade, em situação de exploração. É necessário explicar que esse povo era formado por reis, rainhas, pais e mães em sua terra. Tinham família, religião e foram cruelmente invadidos e colocados em uma situação sem escapatória, foram obrigados a renunciar toda a sua ideologia para viverem em uma situação de extrema precariedade.

Partindo do meio educacional proporcionou-se uma investigação sobre como os alunos lidam com os estudos da literatura afro-brasileira e, consequentemente,

gerou uma reflexão sobre os conteúdos que abordam as questões raciais na sociedade. A implementação do art. 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, tanto públicos quanto privados, tem contribuído significativamente para a superação das desigualdades étnico-raciais no Brasil. Além disso, essa medida também tem permitido uma redução na evasão escolar, especialmente entre crianças e adolescentes que, devido à desigualdade social, muitas vezes precisam abandonar os estudos para ajudar no sustento da família.

A desigualdade social, muitas vezes, é direcionada ao povo negro, sendo fortemente influenciada pela questão racial. Nesse contexto, torna-se evidente a falta de preparo tanto dos docentes, no sentido de trabalhar adequadamente com o tema, quanto dos estudantes, que precisam compreender o contexto racial e evitar se posicionar em inferioridade, acreditando que o estudo da cultura afro-brasileira seja um privilégio exclusivo dos brancos e não um direito e merecimento dos negros. Para que essa mudança ocorra, é necessário entender as origens do preconceito e começar um trabalho profundo de conscientização desde a raiz, compreendendo o colonialismo e se posicionando contra a reprodução do racismo. Isso ajudará os alunos a entenderem que os negros não foram meros "escravos", mas sim "escravizados", vítimas de um sistema de opressão que precisa ser desconstruído.

Uma grande aliada nesse processo de conscientização é a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ), que tem como objetivo:

> Reconhecer avanços institucionais de práticas educacionais antirracistas; contribuir para a superação das desigualdades étnico-raciais na educação brasileira; consolidar a modalidade educação escolar quilombola, com implementação das Diretrizes Nacionais; e implementar protocolos de prevenção e resposta ao racismo nas escolas (públicas e privadas) e nas instituições de educação superior. (Assessoria..., 2024)

Refletir sobre a importância desse tema é também entender o impacto emocional e psicológico que a desigualdade racial provoca nos estudantes. O direito a um ambiente educacional inclusivo, sem distinções entre as pessoas, é um direito fundamental para todos. Embora atitudes racistas ainda estejam presentes, é essencial que, além de um posicionamento firme e da inserção de políticas

afirmativas, haja a presença de negros ocupando espaços de poder e liderança, espaços que muitas vezes a elite dominante tenta manter longe da população negra. Uma das formas mais poderosas de responder às desigualdades sociais e raciais é ver o pobre, negro e periférico vencer com a arma mais poderosa que existe: *o saber*. A educação é, sem dúvida, uma das maiores ferramentas de transformação e emancipação, capaz de combater a opressão histórica e abrir caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária.

2.3 A IMPORTÂNCIA DAS REPRESENTAÇÕES

Embora o preconceito ainda seja amplamente propagado, há uma crescente presença de escritores negros, como Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Carolina Maria de Jesus e muitos outros, que buscam refletir sobre as relações raciais e utilizar suas próprias experiências como forma de romper com os estigmas impostos. Esses autores expressam não apenas indignação, mas também um domínio significativo da escrita, ao reescrever suas culturas, riquezas e saberes, mostrando ao mundo o vasto e valioso legado do povo negro. É fundamental reconhecer que os povos negros não nasceram para serviços braçais, mas sim foram forçados a um trabalho escravo, contra sua vontade, sendo colocados em papéis que não lhes pertencem. E é por isso que a luta pela igualdade racial continua e sempre existirá.

Por trás de cada livro, há um escritor, e por trás de cada escritor, existe uma história a ser contada. Essas histórias têm o poder de mudar vidas, inspirar e desafiar as normas sociais. Além disso, é importante destacar que a cor da pele não tem relação com a capacidade de saber ou de aprender. Todos somos seres pensantes, com uma enorme capacidade de ocupar qualquer espaço que almejamos, e o grau de intelectualidade dos negros é tão rico quanto o de qualquer outra pessoa branca.

A posição que a sociedade tenta nos impor não nos pertence. O espaço que nos é negado, seja na educação, na arte ou no mercado de trabalho, é legítimo para todos os seres humanos. E a literatura afro-brasileira, ao afirmar a voz negra e desafiar os estereótipos, é uma ferramenta poderosa para conquistar essa mudança. Assim, o que se busca não é apenas a representação, mas a revalorização do negro como um sujeito pleno de potencial e intelectualidade, quebrando, finalmente, as correntes da marginalização.

Como afirma Djamila Ribeiro:

> A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. (Ribeiro, 2019, p. 65)

Barbara Carine, em seu livro “Como ser um educador antirracista”, define essa formulação como a colonialidade do saber, quando se dá o domínio do conhecimento ao povo branco colonialista que invadiu uma terra impondo suas crenças, o que se propagou em nossa sociedade, causando a desigualdade racial em relação às referências intelectuais.

> Uma vez que o currículo era pensado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, nas quais pessoas brancas fundaram todas as formas de conhecimento - apenas elas tinham ancestrais potentes (pensadores, cientistas, reis e rainhas) pessoas negras, mesmo sendo as primeiras humanas tinham suas histórias barradas nos últimos quatro séculos de subserviência programada dentro da lógica escravista moderna; pessoas indígenas eram colocadas em um entendimento de selvagerias destituídas de território de história, de narrativa). (Carine, 2023, p. 26)

De fato, esse questionamento deve ser refletido com seriedade. O racismo estrutural faz com que a sociedade veja o negro como intelectualmente incapaz, descreditando toda sua cultura e conhecimento simplesmente pela cor da pele. Esse tipo de visão é perpetuado pela falta de representatividade e pela forma como as pessoas negras são retratadas na mídia e na educação. No dia a dia, é possível observar, especialmente em diferentes faixas etárias, que as referências mais valorizadas, tanto no campo cultural quanto intelectual, são quase sempre brancas. Enquanto isso, a figura do negro é frequentemente associada à marginalização, à pobreza e à falta de capacidade, seja ela social ou intelectual. Para muitos, a cor da pele negra, infelizmente, remete a uma falta de valor ou a um atraso, quando, na realidade, é justamente essa visão preconceituosa que precisa ser desconstruída. Conceição Evaristo afirma que...

> Entretanto, com bem menos visibilidade, existe, no interior mesmo da literatura brasileira, uma gama de produções que vêm se afirmando, aos poucos, como um discurso diferenciado ao compor personagens negras e seus enredos. Discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil. (Evaristo, ano, p. 24)

Essa reflexão traz à tona uma questão essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. A luta por uma educação antirracista não se limita apenas à inclusão de conteúdos que abordam as questões raciais, mas também à criação de um ambiente onde o negro possa ocupar os mesmos espaços que qualquer outra pessoa, independentemente de sua cor, origem ou classe social. Quando afirmamos que a literatura afro-brasileira deve ser inserida nos currículos acadêmicos, estamos pedindo uma ampliação de perspectivas, onde autores negros possam contribuir em todas as áreas do conhecimento, seja em matemática, ciências, história, geografia ou língua portuguesa, sem que a sua produção literária seja restrita ou rotulada como algo limitado ao campo da luta racial. O conhecimento não escolhe cor, e todos têm o direito de ocupar espaços e serem reconhecidos por sua competência intelectual, independentemente de sua etnia.

Essa luta por representatividade vai muito além dos livros e das salas de aula. Ela se reflete diretamente nas conquistas sociais e na quebra das barreiras impostas pelo racismo estrutural. Quando um jovem negro da periferia consegue conquistar um espaço de poder, essa conquista não é de um indivíduo apenas, mas de toda uma coletividade que sofre e que luta diariamente para se fazer presente, para ser reconhecida e para ter suas histórias, culturas e direitos respeitados. A dor do povo negro é um fardo coletivo, carregado de séculos de opressão, marginalização e desumanização. Como você bem pontua, essa dor vai desde o simples fato de ser presumido criminoso pela aparência até o sofrimento diário de ser relegado às funções subalternas e de limpeza, sendo constantemente desvalorizado em uma sociedade que ainda insiste em associar a cor da pele negra à pobreza, ao crime e à inferioridade.

Quando um negro consegue acessar uma posição de destaque, a vitória é de todos os que passaram pela mesma experiência de discriminação e exclusão. E é por isso que, como sociedade, devemos lutar para que essas vitórias se tornem comuns, que a representatividade seja uma norma e não uma exceção. Isso só será possível quando a educação for um meio real de transformação social, capaz de quebrar barreiras e abrir portas para todos os jovens, independentemente de sua cor ou classe social. A educação precisa ser um espaço de empoderamento, onde os alunos não apenas aprendem sobre sua história e cultura, mas também se sentem capazes de ocupar qualquer espaço, de sonhar com um futuro brilhante e de acreditar em seu próprio potencial.

Outro ponto importante que você menciona é a relação com as identidades culturais e a apropriação indevida de símbolos e vestimentas que carregam significados profundos. O turbante, o cabelo crespo, os trajes e a cultura de matriz africana não são meros objetos ou tendências da moda. São símbolos de resistência, de identidade e de história. Usar um turbante ou adotar certos estilos de cabelo sem compreender a história e a dor que eles carregam é, sim, uma forma de desrespeito e de apropriação cultural. O problema não está no uso desses elementos, mas na falta de compreensão sobre o significado que eles têm para o povo negro e na exploração dessas culturas sem o devido reconhecimento de suas raízes históricas. A mulher negra que adota o alisamento do cabelo como uma forma de inclusão social está, muitas vezes, respondendo a um padrão de beleza que foi imposto pela sociedade branca, que historicamente marginalizou o cabelo crespo, associando-o a algo **“**desarrumado**”** ou **“**desleixado**”**.

Esse processo doloroso de tentar se adaptar a padrões de beleza impostos tem impactos profundos na autoestima e na identidade de muitas mulheres negras, que, muitas vezes, se veem forçadas a sacrificar sua autenticidade para serem aceitas. O alisamento do cabelo, com seus processos agressivos e prejudiciais à saúde capilar, é um reflexo de como a sociedade ainda privilegia padrões que desvalorizam a diversidade e impõem um único modelo de beleza.

O caminho para a mudança está na conscientização coletiva, na valorização das culturas negras e na criação de espaços de educação inclusiva e antirracista. O fortalecimento da identidade negra, seja por meio da literatura, da arte ou da educação, é uma forma de reconstruir uma sociedade mais igualitária, onde todos, independentemente da cor da pele, possam ocupar os espaços que merecem e viver sem as correntes do preconceito.

Djamila Ribeiro traz a fala de Rodney William em seu livro “Pequeno manual antirracista” que contribui dizendo que:

> Apropriação cultural não diz respeito ao que pode ou não ser usado, não é sobre branco não poder usar turbante, cantar, sambar ou jogar capoeira. A questão da apropriação cultural é sobre uma estrutura de poder. Há um poder instituído na sociedade desde a colonização que delega aos dominantes o direito de definir quem é inferior nessa estrutura e como se pode dispor de suas produções culturais e até de seus corpos. (Ribeiro, 2019, p. 71)

Atualmente, com a luta antirracista, as mulheres passaram a se aceitar mais e entender que sua beleza é única, que cada pessoa é um indivíduo e que seu cabelo não é ruim, passando uma autoconfiança para que outras mulheres se amem. O turbante não é apenas um acessório e sim um símbolo cultural que carrega toda uma ancestralidade e, para usá-lo é preciso ter conhecimento do que ele representa. Como afirma Djamila Ribeiro:

> É importante que se tenha uma preocupação real em não desrespeitar os símbolos de outras culturas. Para isso, deve-se nutrir empatia pelos diversos grupos existentes na sociedade, um processo intelectual que é construído ao longo do tempo e exige comprometimento: quando eu conheço uma cultura, eu a respeito. Então é essencial estudar, escutar e se informar. (Ribeiro, 2019, p. 72)

3 CAPITULO II: CONCEPÇOES DE IDENTIDADE

O tema da identidade é central para o desenvolvimento do ser humano, especialmente no contexto educacional, onde ele pode ser explorado para ajudar os estudantes a se conhecerem melhor e a entenderem o seu lugar no mundo. Discutir identidade em sala de aula vai além de um exercício teórico; trata-se de um processo de autoconhecimento que reflete diretamente na autoconfiança e no empoderamento dos estudantes. Ao entenderem sua própria identidade e reconhecerem seu potencial, os alunos têm a oportunidade de superar a ideia equivocada de que certos objetivos ou espaços de poder são exclusivos de um determinado grupo, geralmente associado à elite. Portanto, trazer o tema de identidade para o cotidiano escolar não só favorece o desenvolvimento acadêmico, mas também é um passo importante na construção de um senso de pertencimento e autoestima.

Stuart Hall, um dos pensadores mais influentes sobre o tema da identidade, propõe três concepções que são essenciais para compreendermos como a identidade se constrói e se transforma ao longo da vida. Ele nos oferece uma maneira de analisar como as pessoas se veem e como o mundo as vê.

Sujeito iluminista: Essa concepção de identidade parte da ideia de que o ser humano é um indivíduo autossuficiente, com uma identidade unificada e estável. Aqui, o sujeito acredita em sua capacidade de razão, de tomar decisões e de se autodefinir sem influências externas. Esse conceito remonta à ilustração do iluminismo, onde a razão era considerada a ferramenta mais importante para o desenvolvimento humano e social. Para o sujeito iluminista, a identidade não muda ao longo do tempo, sendo algo imutável, uma essência que define a pessoa de forma permanente.

Sujeito sociológico: No caso da identidade sociológica, a identidade não é algo imutável, mas sim algo que se constrói relacionalmente. O sujeito sociológico não é apenas um indivíduo isolado, mas sim alguém que interage com os outros e que se forma através dessas interações. A identidade é compartilhada e aprendida, o que significa que ela é influenciada pelas relações sociais e culturais em que o indivíduo está inserido. Ou seja, a forma como nos vemos e a forma como o mundo nos vê são constantemente negociadas. A identidade é dinâmica e se transforma de acordo com o contexto social e cultural, o que inclui aspectos como a classe social, a etnia, o gênero, e outros fatores.

Sujeito pós-moderno: Por fim, o sujeito pós-moderno reflete uma visão mais fluida e flexível da identidade. Ao contrário das concepções anteriores, ele não acredita em uma identidade fixa ou permanente. A identidade, para o sujeito pós-moderno, é algo que se reinventa constantemente, de acordo com as experiências e as vivências de cada indivíduo. Em um mundo globalizado, onde a multiplicidade de culturas e a convivência com a diversidade se tornam cada vez mais intensas, o sujeito pós-moderno navega entre diferentes mundos, se adaptando e criando novas formas de pertencimento. Em vez de adotar uma identidade cultural rígida, ele se identifica com vários grupos e vivências ao longo da vida, adaptando-se ao seu ambiente e às suas circunstâncias.

Essas três concepções ajudam a entender como a identidade cultural de um indivíduo pode se formar de maneiras diferentes ao longo do tempo e como fatores externos, como a sociedade e a cultura, influenciam essa construção. Embora a identidade cultural se refira à origem e às tradições de um povo ou grupo, ela também está ligada à identificação pessoal — como cada indivíduo se enxerga, o que escolhe valorizar e expressar no seu dia a dia. A identificação pode se manifestar em escolhas como o que gostar de ouvir, assistir, vestir e as influências que o indivíduo absorve em seu processo de crescimento.

É importante destacar que, apesar das múltiplas formas de identidade, a identificação e o reconhecimento são cruciais para o bem-estar dos indivíduos. Os estudantes, especialmente aqueles em contextos marginalizados, precisam entender que a educação não é apenas um meio para adquirir conhecimento acadêmico, mas também uma ferramenta de empoderamento, permitindo a compreensão e o respeito pela sua própria cultura. Esse conhecimento, aliado ao reconhecimento da valorização da diversidade, pode contribuir para que se sintam capazes de romper barreiras sociais e, ao mesmo tempo, garantir um espaço de igualdade e oportunidades para todos.

Ao fazer essa reflexão sobre a identidade em sala de aula, podemos criar um ambiente onde os estudantes se sintam respeitados e confiantes em sua própria jornada de autoconhecimento, contribuindo para a transformação social e para a superação de desigualdades raciais e sociais.

3.1 VALORIZAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS AFRO-BRASILEIRA

O processo de transformação na adolescência, marcado por uma busca incessante pela adequação aos padrões estéticos predominantes, é um reflexo direto de um sistema social que constantemente reforça a ideia de que o "diferente" não é bonito, não é desejável. A pressão social e cultural leva as meninas a internalizarem esses padrões de beleza como ideais, distantes de suas próprias características físicas e culturais. A tentativa de modificar a aparência, como alisar os cabelos e alterar o tom da pele, surge não apenas como uma busca pela aceitação social, mas também como um reflexo de um processo de distanciamento daquilo que é considerado "não belo" na sociedade.

Este fenômeno não se restringe ao campo estético. O impacto dessa construção de identidade vai além da aparência física, afetando a autoestima e a maneira como os jovens se veem em relação ao mundo. O processo de se ajustar a um padrão de beleza eurocêntrico, ou mesmo de buscar a validação dos outros, gera um sentimento de inadequação. Muitas vezes, isso resulta em um ciclo de frustração, pois, por mais que a aparência física seja modificada, as sensações de aceitação plena e autenticidade continuam inalcançáveis.

O sociólogo Stuart Hall, em seus estudos sobre identidade cultural, destaca que a identidade não é algo fixo, mas algo que está sempre em movimento, construído através da interação com a sociedade. No caso dos jovens que se distanciam de suas raízes e tentam se ajustar aos padrões de branquitude, essa construção da identidade é marcada por um processo de negação ou mascaramento do que é originário, uma tentativa de ser algo que, na realidade, nunca se será por completo. No entanto, é nesse momento de crise de identidade que, paradoxalmente, também surge a oportunidade de redescobrir e reivindicar uma identidade mais verdadeira, mais conectada com a própria cultura e história.

Este processo de ressignificação, embora desafiador, é fundamental para a construção de uma identidade mais saudável e autêntica. No contexto educacional, a presença de representações positivas de diversas culturas, etnias e identidades é essencial para que os jovens possam se enxergar de maneira plena, com autoestima fortalecida e consciência crítica. O ensino de história, literatura e arte que contempla as contribuições das culturas negras, indígenas e de outras minorias é um passo vital

nesse processo de construção identitária, pois permite que esses jovens se reconheçam e se orgulhem de sua herança cultural, ao invés de negá-la.

A escola, como espaço de formação intelectual e emocional, tem o poder de ser um agente transformador nesse processo, promovendo a valorização da diversidade e a construção de uma identidade que não seja imposta, mas vivida de forma plena e consciente.

A fala da escritora Nilma Lino Gomes, em seu artigo “Educação e Identidade Negra”, ressalta uma questão importante em relação à escola e ao aluno:

> A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. Estas dependem de maneira vital das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra.(Gomes, ano, p. 39)

Para desconstruir o preconceito, é fundamental promover a valorização da identidade desde a infância. A construção do autoconhecimento e da autoestima começa com o reconhecimento de sua própria cultura, e uma forma eficaz de fazer isso é nas escolas, por meio de um dos principais veículos de transmissão de valores: o livro. Ao introduzir, desde o início da aprendizagem, obras literárias que representem a realidade de crianças e adolescentes negros, especialmente os que vivem em áreas periféricas e cujos pais muitas vezes não tiveram acesso à educação, podemos promover essa identificação. A sociedade branca, por sua vez, tenta disseminar a ideia de uma igualdade já alcançada entre negros e brancos, ignorando a necessidade de ações afirmativas e específicas para combater as desigualdades persistentes

.

> Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz a pesquisadora Joice Berth ‘Não me descobri negra, fui acusada de sê-la’. (Ribeiro *apud* Berth,2019, P.24).

Essa citação de Djamila Ribeiro é um lembrete de uma forte emoção em todo um grupo que sente as mesmas dores. Quando se traz a fala de Joice, em que ela diz que foi acusada de ser negra, nos faz pensar em como a cor da pele foi marginalizada a ponto de fazer diversas crianças terem vergonha da cor de sua pele, pois, segundo

uma sociedade racista, ela remete a algo ruim. “- Você é negra, não pode frequentar esse lugar!”, “- Essa negra roubou algo que me pertence”, “- Esse negro provavelmente é suspeito!”. Essas falas são acusações que infelizmente já fizeram parte de algum cenário no cotidiano de homens e mulheres negras. O negro sempre foi visto como algo ruim. Partindo desses casos, voltamos a pensar em uma criança negra começando sua jornada estudantil, enfrentando na pele o que não sofria dentro de casa, mas que passa a sofrer dentro da escola.

A criança não tem essa distinção de pele, ela não sabe a hierarquização que seus ancestrais sofreram, ela ama e tem afeto por todos como iguais, mas é nessa jornada que ela descobre que a sua cor, seu cabelo e sua cultura não são bem-vistos.

É na adolescência que essa menina e esse menino entendem o racismo. As aulas de história e a forma que é ensinada, muitas vezes, contribui para essa separação racial

Os brancos sempre foram colocados em uma posição de valor, Como cita Djamila:*“*O mundo apresentado nas escolas era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido”(RIBEIRO,2019, p.24). São eles os médicos, advogados, engenheiros, empresários, escritores etc. Enquanto o negro é o(a) pedreiro(a), faxineiro(a), cozinheiro(a) copeiro(a). Não que essas profissões não devam ser respeitadas, mas sempre vemos o negro servindo. Partindo disso, podemos refletir sobre a posição hierárquica que cada pessoa está inserida por questões raciais. Com essa reflexão, deixo a fala de Djamila, que questiona: “Por que pessoas negras se veem reduzidas a determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade e com suas contradições?”

É importante fazer com que todos os alunos se vejam inseridos na sociedade como importantes potências de profissionalismo. A representatividade age de forma positiva na vida dessas crianças e jovens, fazendo com que eles se vejam em cargos importantes. “ A escola é o ambiente por excelência do acolhimento; esse espaço não pode fomentar o abandono, devendo sim, fortalecer os acessos e desenvolver a cultura de permanência (Carine, 2023, p. 130) E que eles tenham na educação um caminho para quebrar essa corrente escravocrata que nos fere até hoje. É preciso sonhar, mas é importante também querer chegar lá.

No documentário “Nunca me sonharam”, a fala da antropóloga Regina Novaes descreve perfeitamente as fases da juventude, em como os jovens estão dispostos a

correr riscos, aprender coisas novas, pois é assim que se constrói a identidade, se forma o caráter e valores. Alguns demoram um certo tempo para se autoconhecer, por ser a parte da vida em que os jovens vivem uma confusão interna: o que eles são, o que eles querem ser e o que as pessoas esperam deles. Isso contribui para um sentimento de opressão e muitos acabam não fazendo o que, de fato, querem fazer para poder ser o que os outros querem que eles sejam.

3.2 FIRMAÇÃO DA AUTOESTIMA

É fundamental reconhecer o valor único de cada aluno, pois cada jovem é um mundo à parte. Para entendê-los, é preciso dar-lhes voz, espaço e valorizar o que cada um tem a oferecer, ouvindo suas ideias e perspectivas. No documentário *"Nunca me sonharam"*, que foi utilizado como material de apoio, são apresentados relatos tanto de alunos quanto de educadores da rede pública de ensino. Um dos destaques desse documentário é a fala do economista Ricardo Paes de Barros, que afirma:

> - O professor é aquele cara que tem que estar mais ansioso para ir aonde é mais difícil fazer alguma coisa, ele não só acredita que ele é o cara capaz de transformar, mas ele adora o processo de transformar, isso tem técnica e isso precisa de recursos.(“NUNCA ME SONHARAM”)

O professor deve valorizar a educação, utilizando personagens, escritores e obras que inspirem os alunos a aprender e mudar suas vidas. Muitos jovens vêm de famílias com baixo nível de escolaridade e não enxergam o estudo como uma oportunidade de futuro. A falta de representatividade é um dos principais fatores, pois muitos jovens não se veem em profissões como médico ou advogado, associadas a pessoas brancas e de classe alta. Para transformar suas vidas, é essencial que eles reconheçam o poder do conhecimento e acreditem que podem alcançar grandes conquistas.

Uma das formas de fortalecer a autoestima por meio da educação é por meio de projetos e oficinas que proporcionem espaços para que os indivíduos possam expressar seus talentos, sejam eles na dança, música, pintura, atuação, entre outras manifestações artísticas. Ao conhecerem suas habilidades e acreditarem nelas, os participantes se sentem mais confiantes e valorizados, o que contribui significativamente para o desenvolvimento de uma autoestima sólida e positiva.

4 CAPITULO III: A PESQUISA REALIZADA

A escolha da turma de 2º ano do ensino médio foi uma forma de unir o útil ao agradável. Por participar do projeto Residência Pedagógica, sendo responsável por uma determinada turma, resolvi aproveitar os 18 meses para fazer minha pesquisa, obtendo dados que acrescentariam muito a meu trabalho, além de poder ter experiência com a turma. A Escola Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho , conhecida por CEAJAT, fica localizada no Caipe, distrito de São Francisco do Conde. A turma tinha cerca de 30 alunos. As aulas eram ministradas todas as segundas-feiras, no turno matutino, das 08h às 09h20.

4.1 METODOLOGIA

No que concerne à metodologia, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: a análise de texto teórico e a coleta de dados. Aproveitando o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro de 2023, o objetivo foi promover uma aula reflexiva e participativa com a turma, visando dar voz aos alunos. Como método de introdução ao tema, foi realizada uma leitura compartilhada da crônica "Negra, eu?", da escritora Vanessa Santos, estudante da UFAM e vencedora do prêmio "Essa é minha arte". Todos receberam o texto impresso, foi feita uma leitura compartilhada e em seguida uma roda de conversa ligando a crônica com a realidade de cada um, observando o quanto é enriquecedor se reconhecer através de uma obra, seja ela imagem, personagem, entre outros. Além de perceber o quanto tem de jovens que não se aceitam e tentam se enquadrar em uma realidade oposta para não serem excluídos em determinados grupos.

Essa leitura gerou uma troca significativa de experiências vividas e de representatividade. Em seguida, foi entregue um questionário com questões iniciais simples, mas com o propósito de analisar a realidade de cada aluno, como onde moram, como se autodeclaram racialmente e como se enxergam. O objetivo era levar os estudantes à reflexão crítica, sendo a última questão uma provocação dissertativa, incentivando-os a expressar suas opiniões sobre a representação negra nas escolas.

Por fim, para completar o planejamento, foi entregue um questionário simples com as seguintes perguntas:

1. Você é natural de qual cidade?
2. Qual é a sua idade?
3. Quais são suas matérias preferidas? Cite-as
4. Elenque o que você mais gosta em você.
5. Você se autodeclara branco(a), pardo(a) ou negro(a)?
6. Cite nome de alguns escritores que você conhece e nos quais você se inspira?
7. Na escola, os textos e obras trabalhados são de escritores negros ou brancos? Cite o nome do escritor e da obra.
8. Na sua opinião, estudar textos de escritores negros em sala de aula influencia positivamente na construção da autoestima do estudante?

As questões iniciais foram elaboradas no intuito de introduzir o aluno na questão final, que é a parte dissertativa de seus pensamentos, referente à representatividade. De início, entender a faixa etária, onde eles moram, como eles se enxergam em relação a sua cor faz com que o leitor entenda que público essa escola atende e o quanto está o conhecimento de mundo deles, de acordo com o ensino apresentado em sala de aula. Na questão **1**, 5 alunos responderam que são naturais de São Francisco do Conde, 1 de Madre de Deus, 2 de Candeias, 1 de São Paulo, 2 de Feira de Santana, 5 de Salvador; na questão **2**, de acordo com as respostas, os alunos têm entre 17 e 19 anos de idade; na questão **3**, 1 aluno respondeu que sua matéria preferida é língua portuguesa, 4 matemática, 3 história, 2 biologia, 3 inglês e 3 projeto de vida; Na questão **4**, que visa abordar a autoestima do aluno, 2 responderam que não gostam de nenhuma características deles, 6 responderam que gostam de tudo, 7 responderam que gostam dos seus cabelos, 1 respondeu gostar de seus olhos, 1 disse que gosta de seu corpo, 1 respondeu gostar de sua pele, 1 respondeu sorriso e 1 disse que gosta da sua capacidade de aprendizagem; na questão **5**, 1 respondeu que se autodeclara branco e 1 aluno respondeu pardo. Os outros deixaram em branco; na questão **6**, os escritores aos quais eles se inspiram foram: 2 Monteiro Lobato, 3 Jorge Amado, 1 Cora Coralina, 2 Collen Hoover, 2 José de Alencar, 1 Professor Jorge, 1 Viola Davis, 1 Igor Pires, 1 Castro Alves, e 9 alunos responderam não se inspirar em nenhum escritor. Na questão **7,** alguns alunos

afirmaram só ter trabalhado com obras de escritores brancos e outros citaram a obra “Negra, eu?”, que foi trabalhada no mesmo dia do questionário.

A seguir, apresentaremos as respostas dadas à questão 8, organizando melhor em blocos e, a partir dessas respostas, buscando entendimentos sobre o ponto de vista do aluno com relação à representatividade, se está sendo abordada em sala de aula e com qual intuito é apresentada. Além de perceber, através da escrita de cada aluno, como eles se sentem confortáveis ou não ao falar sobre esse assunto.

Questão 8.
Indivíduo A: – Eles ajudam na autoestima, cultura, reconhecimento e tem alguns textos que influenciam tanto o autocuidado e buscam por seus direitos, seu espaço na sociedade.
Indivíduo B: - Sim! Estudar obras de autores negros ajuda bastante na aceitação e autoestima de estudantes negros periféricos. Muitos alunos se inspiram em pessoas, e se essa pessoa for negra, torna-se uma inspiração real e mais inclusiva na vida do aluno.
Indivíduo C: - Sim! Porque dessa forma a escola mostra que mesmo eles sendo negro, eles podem ser escritores; que mesmo vindo da periferia e não sendo alfabetizados, podem correr atrás e chegar aonde sempre sonharam, podem conquistar o que sempre quiseram.
Indivíduo D: - Eu acho que ajuda, pois ajuda os alunos a se inspirar e ver que também podem conseguir, e uma pessoa que tem os textos como inspiração de vida vai escrever sobre o que se identifica.
Indivíduo E: - Se tiver escritores negros e brancos, os alunos vão se sentir incluídos. Assim todos irão querer participar nas aulas. Os professores podem continuar a trazer esse tipo de atividade, assim as aulas serão mais divertidas e interativas para todos os alunos.
Indivíduo F: -Sim! Porque eu acredito que os autores negros terem tal reconhecimento pode ser muito gratificante. Principalmente, nos dias de hoje, em que a maioria das pessoas olham a fisionomia ao invés do conhecimento.

Indivíduo G: - É muito importante, pois serve para a autoestima do jovem negro saber da sua essência, sobre o passado em geral. Quando se aprende isso, tem uma perspectiva diferente.
Indivíduo H: - Sim! Por estudarmos numa escola estadual, onde há alunos negros, precisam ter referência de autores e escritores negros, para que eles se sintam representados.
Indivíduo I: -Sim! É muito importante trabalhar com textos de escritores negros. Muitos alunos se sentem acolhidos e representados. A gente aprende a se aceitar e não ficamos nos rebaixando, caso alguém faça um comentário maldoso.
Indivíduo J: - Quando há autores negros, as crianças negras principalmente se inspiram mais nos seus sonhos de serem escritores. Temos muitos autores brancos e negros, porém são mais brancos, por isso é importante cada dia mais surgir autores negros para contar suas histórias e inspirar mais pessoas.
Indivíduo k: - Sim! Pois ajuda os alunos a se aceitar, pois o mundo está muito difícil, tem muito caso de racismo pela rua, escola etc. Está muito difícil as pessoas aceitarem pessoas negras de cabelo crespo, e muitos casos passam na televisão. EU DIGO NÃO AO RACISMO!
Indivíduo L: - Na minha opinião, estudar esse tema e sobre esses assuntos é de extrema importância, utilizar textos de escritores negros traz empoderamento e coragem ao saber o que passaram e sofreram.

Percebe-se nessa atividade que a maioria dos alunos se encontram, metaforicamente falando, “cegos” em relação aos assuntos que abordem a importância da literatura afrobrasileira em sala de aula. Embora seja uma turma de alunos predominantemente negros, muitos não se enxergam ou não se aceitam, como se o tom da pele os tornasse inferiores. A importância dessas questões, por mais simples que pareçam ser, era exatamente entender como eles se veem, de onde eles vieram e aonde eles querem chegar. Ter uma referência que esteve na mesma posição que esses alunos fazem com que eles vejam um futuro através dos estudos. É necessário adaptar escritores negros nos planejamentos escolares. Uma escola que recebe estudantes de classe baixa precisa ter um impacto positivo não só para os alunos e sim para toda a família. Quando eles conhecem pessoas que são como eles,

ocupando espaços grandes, de privilégio na sociedade, através da educação, se sentem incentivados a seguir um caminho diferente e íntegro.

5 CONSIDERAÇOES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a importância da literatura afro-brasileira no processo de construção da identidade dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, destacando seu papel na promoção de um ambiente educacional mais inclusivo e na valorização da cultura negra. A pesquisa demonstrou que, ao trazer para a sala de aula representações negras, seja através da literatura ou de outras abordagens pedagógicas, é possível despertar o interesse dos jovens pelos estudos, além de contribuir para o fortalecimento de sua autoestima e para a compreensão de sua história de forma positiva.

Através de uma revisão bibliográfica aprofundada e da coleta de dados com os discentes da escola CEAJAT, foi possível observar que a inclusão de temas que abordam a beleza e a importância da cultura negra nas aulas de Língua Portuguesa e em outras disciplinas tem um impacto significativo na formação intelectual, social e emocional dos alunos. A literatura afro-brasileira se apresenta, assim, como um potente instrumento de empoderamento, favorecendo o autoconhecimento e promovendo um sentimento de pertencimento, fundamental para que os estudantes se reconheçam como protagonistas na sociedade.

Além disso, a pesquisa evidenciou como as questões raciais ainda influenciam diretamente a vida dos educandos, colocando-os em situações de marginalização e preconceito que afetam sua visão de futuro. A reflexão sobre identidade, nesse contexto, não deve ser entendida apenas como uma questão teórica, mas como um processo prático de fortalecimento da autoconfiança e da luta contra o racismo estrutural, que se perpetua em diversas esferas da sociedade, inclusive no ambiente escolar.

É importante destacar que, apesar dos avanços legislativos em relação à inclusão de conteúdos afro-brasileiros no currículo escolar, ainda existem muitas barreiras a serem superadas. A luta contra o racismo deve ser incorporada de forma transversal em todas as disciplinas, sendo considerada uma responsabilidade de todos os educadores. O método proposto nesta pesquisa, que busca integrar essas discussões de forma contínua e estruturada no cotidiano escolar, é uma tentativa de transformar essas práticas em uma realidade mais presente e efetiva.

Portanto, este estudo reforça a necessidade de se criar um ambiente educacional que reconheça e valorize as diversas identidades presentes no contexto

escolar, especialmente as identidades negras, para que os estudantes possam se sentir valorizados e capazes de alcançar seu pleno potencial, sem as amarras de um sistema educacional ainda marcado pela exclusão e pelo racismo.

De acordo com a pesquisa abordamos questões importantes, como as classificações raciais da população brasileira ao analisar dados mais aprofundados, a identidade e as percepções raciais no Brasil que são influenciadas por fatores sociais e históricos, o que torna a classificação racial um fenômeno multifacetado, não limitado apenas à cor da pele.

Apesar da persistência do preconceito, autores negros citados têm se destacado, usando suas experiências para desafiar estigmas e reescrever a história do seu povo. A literatura afro-brasileira é uma ferramenta poderosa para quebrar estereótipos e promover a revalorização da identidade negra.

As propostas dentro da presente pesquisa é universalizar o tema em todos os campos educacionais tornando o antirracismo pertinente em todas as disciplinas e no dia a dia. Falas racistas são ditas diariamente seja de maneira despretensiosa ou até mesmo em tom de brincadeira. Acreditasse que utilizando do método proposto no qual persiste incluir a causa nas metodologias educacionais, conseguirá mesmo que em passos lentos despertar o desejo de luta e aceitação dos jovens estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D.O. PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL: O QUE DIZEM CRIANÇAS E PROFESSORAS. 1 ED. CURITIBA: CRV, 2017.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO MEC . gov.com.br. MEC elaborará protocolos de prevenção ao racismo nas escolas. *[S.l.].* Ministerio da educação, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/mec-elaborara-protocolos-de-prevencao-ao-racismo-nas-escolas. Acesso em: 26 set. 2024

CARINE, Barbara. **Como ser um educador antirracista**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

CULT. A questão do pardo no brasil. **Cult**, São Paulo, v. 27, n. 307, p. 1-51.

CUTI. **Literatura Negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo horizonte, n. 13, 2009, p. 17-31.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Curso de letras, UFMG, Minas gerais, 2001.

GUIMARÃES, R. **Contos negros**. São Paulo: Faro editorial, 2020.

IBGE. Educa.IBGE. cor ou raça. *[S.l.].* IBGE, 2022. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html/. Acesso em: 23 set. 2024.

JAN SANTOS. **mapingua nerd.** Negra, eu?. *[S.l.].* Thiago Henrik Amazonas, Artes, Contos, Envio do Leitor, Literatura, 2018. Disponível em: https://www.mapinguanerd.com.br/cronica-negra-eu/. Acesso em: 18 mai. 2024.

MARILIA LOSCHI. agencia de noticias. Taxa de homicídio de pretos ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos. *[S.l.].* Estatísticas Sociais, 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos. Acesso em: 23 set. 2024.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, Gov. Lei 10.639/03 – 20 anos: Nesta segunda-feira (9), é celebrado os 20 anos da lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. **gov,** 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/lei-10-639-03-2013-20-anos. Acesso em: 13 out. 2024.

NUNCA me sonharam. [S. l.:s. n.], 2022. 1 vídeo (1:30). Publicado pelo Instituto Unibanco e Maria Farinha Filmes. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLggyRMb5eNeK7Oq2NA-lRr2FWrdTeBl1-. Acesso em: 18 mai. 2024.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANEXO

Crônica "Negra, eu?", da escritora Vanessa Santos, estudante da UFAM e vencedora do prêmio "Essa é minha arte". 24 de agosto de 2018

Negra, eu?

Era criança. Uma criança cheia de ideias. Uma criança que acreditava que todas as pessoas eram iguais. Uma criança que acreditava que o bem venceria o mal, no final. Eu era uma criança que não queria ser negra, muito menos ter um cabelo crespo. Disseram-me que posso mudar. Inventaram algo para tirar esse cabelo de mim. As meninas de cabelo liso são tão lindas! Eu só quero ser bonita. Eu só quero ser notada. Eu só quero ser amada. Alguém pode tirar esse cabelo horrível de mim? Eu posso ser bonita? Mãe, paga meu alisamento por favor.

Alisei. Nunca me senti tão bonita. Todo mundo falava: - Estás tão linda. Meses se passaram. Tem algo crescendo em mim. De novo não..., mas eu pensei que nunca mais ia ter isso. Vanessa, tua raiz está aparecendo.

Esconde isso. Alisa de novo. Esconde isso. E eu escondi. E escondi mais de uma vez. Fui escondendo tanto a tal ponto de não me achar no espelho e de não me achar bela sem esconder aquele algo que crescia na minha cabeça.

Negra, eu? Eu sou morena. Eu dizia, sem saber que mais uma vez isso me escondia de mim. A cada vez que eu alisava meu cabelo, eu me escondia de mim. Meu cabelo é uma parte do meu corpo e, por conseguinte, é uma parte de mim. Quem disse eu queria ser negra? Quem disse que eu queria ter o cabelo assim?

Eu me questionei várias vezes isso e comecei a me aceitar. Aceitei meu corpo, meu cabelo, minha cor. Meu cabelo é crespo, e daí? É quem eu sou. Eu não quero me mudar de mim. Meu cabelo foi florescendo dia após dia. Mostrei-me para o mundo. Eu sou Vanessa. Eu sou negra. Esse é meu cabelo. Tá, e daí?

Todo esse não querer ser eu, sempre me consumiu. Minha mãe sempre disse para eu estudar muito para que eu não seja julgada por conta da minha cor. Ela tinha medo de que eu sofresse por ser quem eu sou: negra, não morena nem cor de jambo. Eu sou negra. E daí? Ninguém se importa se você é negro, branco, hetero, gay. Todos são iguais. Para de se vitimizar. É o que eles dizem. Minha mãe sempre disse para eu estudar muito para que eu não seja julgada por conta da minha cor. Eu estudei muito para ir bem longe, para “ser alguém na vida”. Passei no vestibular.

Estudo agora em Universidade Federal. Agora que posso ajudar, eu ajudarei minha mãe com as despesas. Decidi. Vou procurar um emprego.

Consegui uma oportunidade de emprego. Fiz a prova e tirei uma nota bem alta. Agora só falta a entrevista, logo, tenho que me arrumar. Fui à entrevista. Perguntaram-me como lidar com um cabelo black power? No momento, eu fiquei em choque. Essa pergunta me fez lembrar da minha infância. Você sabe que aqui nós temos regras". Esconde isso. Ta aparecendo tua raiz, Vanessa. Esconde. Depois de tanto tempo, eu tinha que esconder meu cabelo de novo. Eu tinha que me refugiar de mim. Eu tinha que me refugiar da minha pele e de tudo que ela carregava. Mas todos não são iguais? Ninguém se importa se você é negro, branco, hetero, gay, cabelo liso, cabelo black power. Minha mãe sempre disse para eu estudar muito para que eu não seja julgada por conta da minha cor. Eu estudei tanto para, no fim, minha capacidade intelectual ser desconsiderada. Eu não passei. Pensei em vários outros motivos para não ser selecionada. Eu não queria acreditar. No entanto, estava tão nítido: foi racismo. Eu fui alvo de preconceito racial.

Dói muito estudar tanto para ser considerada nada, por causa do meu cabelo que faz parte de mim e que me faz ser quem eu sou. Eu era criança. Uma criança cheia de ideais. Uma criança que acreditava que todas as pessoas eram iguais.